

FOTO 1 - Seleção das fotografias



RELATOS

O “Olhares Sobre Brasília”, projeto de pesquisa do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília (UCB), realizado em parceria com o Glossário Sirchal, organizou, em janeiro de 2015, uma exposição interativa na Casa da América Latina, em Paris. Além do material gráfico fixo (fotografias, textos e vídeos), diversas atividades foram realizadas durante as duas semanas de exposição, como mesas redondas e visitas guiadas, atividades essas que possibilitaram uma experiência nova para a *Maison De L’Amérique Latine*.

A preparação da exposição começou em Brasília, meses antes da viagem, quando os alunos reuniram todo o material produzido ao longo dos 3 anos de projeto. É importante ressaltar que durante esse período, 35 alunos, orientados por professores, colaboraram com a pesquisa por meio de saídas para realização de fotos e vídeos, produção de verbetes, poemas e artigos, além da edição do material.

No mês de dezembro concluiu-se a última etapa do Projeto Olhares, com vídeos gravados pelos participantes, explicitando nossa relação com a Capital no dia-a-dia.

OLHARES SOBRE BRASÍLIA | VIAGEM PARÍS

Carla Sena, Lorrany Moura, Lucas Miranda, Maria Luisa Ribeiro | Alunos do CAU UCB

Esses também fizeram parte da exposição em Paris.

A elaboração do layout da exposição foi baseada nos elementos de Brasília. Primeiramente o visitante era recebido pelo *Modulor*, que fez referência ao seu criador: Le Corbusier, arquiteto modernista que inspirou Lucio Costa no Projeto da Nova Capital.

Na entrada da sala, foi proposta uma parede revestida por azulejos magnéticos. Esse material foi elaborado por um grupo de estudantes da UCB durante a disciplina de Geometria Construtiva. A ideia foi chamar a atenção dos visitantes representando parte da arte que vemos em Brasília, inspirados principalmente nas obras de Athos Bulcão. Em seguida, o memorial e o início do percurso a partir de fotografias dispostas em um mosaico, lembrando os cheios e vazios das superquadras. Uma linha vermelha foi o guia da exposição e marcou o eixo, remetendo à orientação e legibilidade da cidade.

A composição das imagens foi iniciada com os registros da Escala Monumental, mostrando a Esplanada, o Congresso Nacional e a Catedral. Foram os primeiros edifícios a serem construídos no projeto do Plano Piloto de Brasília. Adiante, representações dos croquis de Lucio Costa evidenciando o traçado urbano e os eixos primordiais da construção da cidade.

O céu também foi um dos temas abordados; visto de diversos pontos da cidade em diferentes horários, chamou a aten-

ção dos visitantes por sua intensidade e o modo como emoldurava as cenas capturadas. A Escala Bucólica e seu verde seguiram representando o Plano Piloto e a interação entre a paisagem e o cotidiano dos moradores.

Os poemas e crônicas foram distribuídos de acordo com os temas das fotografias e relatavam as vivências dos moradores, permitindo, através da leitura, que o visitante se situasse naquele cotidiano. Depois, havia a projeção dos vídeos que retratavam a cidade de uma forma mais poética. Um passeio de carro pelo Eixão. Uma caminhada pela Praça dos Três Poderes. Até mesmo o passar das horas em baixo de um bloco.

A exposição seguiu apresentando a Escala Residencial, evidenciando as superquadras e os elementos construtivos característicos dos edifícios brasilienses, com destaque para o *Cobogó* e os *Brises Soleil*. Novamente, uma visão mais poética e pessoal se destacou, com os momentos vividos na infância em baixo do bloco, brincadeiras sob os pilotis e a livre passagem dentro das quadras.

Os momentos vivos da cidade também foram abordados pelo grupo, como os eventos que tomam posse dos espaços urbanos no Museu Nacional da República ou na Esplanada dos Ministérios. Além das entrequadras comerciais, que abrigam bares e restaurantes, nos quais a vida e o lazer são sentidos com maior intensidade.



FOTO 2 - Interior da sala de exposição



FOTO 3 - Interior da sala de exposição

Mostrando a realidade da cidade, incluiu-se um outro lado do patrimônio: o abandono, visto não só em áreas desvalorizadas, mas também em pontos turísticos. Decidiu-se terminar a exposição com essa abordagem, porque a proposta do Projeto é também conscientizar a população de que a cidade deve ser vivida e valorizada, cuidada por seus moradores. Por meio desse pensamento inicial, pode-se chegar a um reconhecimento da própria população para com sua cidade, gerando melhorias com o intuito de aperfeiçoar a qualidade de vida.

Durante todo o período da exposição, ao menos um membro do projeto ficava como mediador para receber os visitantes. Ao final das visitas, as pessoas podiam escolher cartões postais com imagens de Brasília e deixar uma mensagem no livro de registro, ambos dispostos na saída da sala.

Por ser uma exposição interativa, o grupo ofereceu diversas atividades entre os dias 16 e 30 de janeiro. No dia do coquetel de abertura (16), momento em que o projeto e os participantes foram apresentados para os convidados, alguns professores, jornalistas e arquitetos, faziam parte do público. Cada integrante do projeto deu seu depoimento e sua visão sobre a pesquisa ao público, sempre com a tradução simultânea da professora Yara Regina (orientadora do Projeto Olhares Sobre Brasília).

No domingo (18), o concerto de músicas brasileiras foi interpretado pela *Orchestre*

du P'tit Bal du Conservatoire du 19 e, dirigido por Antoine Larcher. De Asa Branca, de Luiz Gonzaga, até Berimbau, de Vinícius de Moraes, a interpretação francesa de músicas populares brasileiras emocionou aos visitantes.

Na segunda-feira (19), Alain Rouquié (presidente da Casa da América Latina em Paris e ex-embaixador da França no Brasil), e Marco Antônio Dias (ex-diretor do departamento de ensino superior da Unesco), se encarregaram de reger a mesa redonda, com o tema *O Que É Esta Cidade? Sonho ou Miragem?* Dentre as pessoas que marcaram presença, havia participantes da construção de Brasília, pessoas que se interessavam pela cidade e outras que ainda não a conheciam. Essa multiplicidade de pontos de vista enriqueceu a discussão com a troca dessas experiências.

Na manhã de terça-feira (20), os membros do projeto ofereceram aos moradores de Paris uma visita guiada pela professora Yara a alguns dos edifícios modernistas de Paris. Primeiramente, visitou-se a Sede do Comitê Central do Partido Comunista Francês de Paris, projeto do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer que reflete a tradição revolucionária da cidade e apoiado de dezenas de milhares de militantes¹. O objetivo da visita foi a vivência com edifícios modernistas inseridos em uma cidade com características predominantemente do século XIX.

Perto do canal Saint-Martin, entre Belleville e Barbès, a sede está localizada próxima

¹ Guy Hermier, *Révolution* nº17, 27 de junho de 1980. P. 3



FOTO 4 - Parte do Grupo Olhares Sobre Brasília | FOTO 5 - Alain Rouquié e Marco Antônio Dia | FOTO 6 - Participantes do debate.



FOTO 7 - Sede do Partido Comunista Francês vista da saída da estação de metrô





a diversos lugares históricos, evocando o auge da luta do povo parisiense. Georges Marchais, líder do PCF na época, desejava que a sede se tornasse uma casa para acolher aos homens e mulheres do povo: trabalhadores, militantes, dirigentes progressistas e revolucionários do mundo todo.

Niemeyer, ao falar sobre o projeto da Sede do Partido Comunista em 1965 em uma exposição organizada pelo Museu do Louvre, escreveu um pequeno texto onde disse que, apesar de ser um arquiteto que desenvolveu um grande número de projetos, não se sentia realizado, pois seu trabalho atendia somente à burguesia e ao governo, ignorando as partes pobres da sociedade. Disse ainda que, por ser para o partido da classe operária marcado por um passado de luta e sacrifício, a proposta para o projeto muito o atraiu. Além disso, exigia-se um projeto simples, inventivo e diferente, capaz de exprimir um mundo sem preconceitos e julgamentos, o que representava, em essência, o objetivo do PCF.²

Por não querer pilotis nem um térreo muito ocupado, Niemeyer decidiu enterrar parte do hall e do auditório, sendo que, externamente, tais formas se revelam em espaços semi-enterrados e em cúpula. Por ser parcialmente enterrado, Niemeyer solucionou o problema da iluminação com pequenas aberturas em alguns pontos. O resultado final foi um edifício em linhas curvas que estabelece um diálogo harmo-

nioso entre os vazios, evocando a arquitetura bem conhecida em Brasília. Internamente, pequenas placas de alumínio compõem as paredes, lembrando a obra de Athos Bulcão no plenário do Congres-



FOTO 8 - Escultura à frente do edifício; sua linguagem evoca a forma curva utilizada no projeto | FOTO 9 - Detalhe do tratamento interno do auditório

² Oscar Niemeyer, Révolution n°17, 27 de junho de 1980. P. 14



so Nacional de Brasília e a antiga rodoferroviária de Brasília.

Após uma volta pelos arredores do edifício e uma aula de história ao ar livre, o destino foi a *Maison du Brésil* (Casa do Brasil), projeto de Lucio Costa em parceria com Le Corbusier, na Cidade Universitária de Paris. O edifício da Casa do Brasil, situado entre a Casa da Índia e da Noruega, foi encomendado a Lucio Costa em 1952, quando este fazia parte da Conferência da UNESCO em Veneza e do “Grupo dos Cinco”. Logo Lucio Costa convidou Le Corbusier para fundar uma parceria. A edificação, com cerca de 5.500 m² de construção, foi finalizada em 1959. Possui cinco andares com 78 quartos individuais

124



FOTO 10, 11 e 12 - vistas externas da Casa do Brasil



e 22 apartamentos para casais, dispostos em vinte unidades por andar.

Além das visitas aos monumentos modernistas e da exposição, o evento contou também com mesas redondas. No dia 20, a mesa redonda discorreu sobre “o futuro para a arquitetura, o urbanismo e a paisagem da capital brasileira”. A discussão, orientada pelos professores Marcio Oliveira (diretor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB e pesquisador do grupo Olhares Sobre Brasília) e Yara Regina, abordou a história da cidade, desde o momento das bandeiradas, quando a parte central do país foi “descoberta”, até o momento de idealização e execução do projeto, com o concurso para realização de uma nova capital.

126

Após a apresentação do tema, todos os convidados tiveram a chance de expressar suas opiniões sobre o assunto, o que gerou um debate rico, tanto para os franceses que não conheciam a cidade, quanto para os membros do projeto. Questões como problemas de mobilidade urbana, incentivo cultural e até mesmo o traçado urbano de Lucio Costa foram levantadas durante o debate, o que, consequentemente, instigou alunos e arquitetos a pensarem novas propostas para fugir do engessamento que a Capital vive atualmente.

Quinta-feira (22) à noite, o arquiteto convidado Juca Villaschi (Professor da Universidade Federal de Ouro Preto), ministrou sua *Oficina Sensorial: Senso urbano, patrimônio e cidadania*. Esta iniciou-se com



FOTO 13 - Mesa Redonda



a prática dos outros sentidos que não a visão, ainda dentro de sala e através de atividade que aguçaram audição, tato, olfato e paladar. Depois, o arquiteto Juca levou os participantes para dar uma volta no quarteirão, colocando em prática a proposta do professor: perceber a cidade sob uma nova ótica, saboreando um caminhar prazeroso, sentindo o cheiro e a temperatura do local e, assim, trocar uma caminhada comum por um verdadeiro passeio.

Na sexta-feira (23), a arquiteta Paola Gomes Caicedo guiou os alunos e professores do Projeto Olhares por parte da cidade, de modo a apresentar a transição dos períodos a partir das características arquitetônicas. Neste dia, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer como funciona um edifício residencial, com seus pátios internos. Paola também os levou para o Instituto do Mundo Árabe, projeto de Jean Nouvel, inserido na área central da cidade, cuja arquitetura contrasta com as construções antigas do entorno.

Sábado (24), o grupo visitou a Maison La Roche para conhecer a casa que abriga atualmente a Fundação Le Corbusier. A residência foi construída a pedido de um amigo, Raoul La Roche, que possuía uma coleção de obras clássicas e precisava de novo local para abriga-las. O projeto teve início em 1923 e a casa foi construída em 1925.

À primeira vista, a La Roche impressiona pela atualidade. Branca com janelas em fita e *pilotis*, remeteu à Brasília e seus



FOTOS 14 e 15 - esquerda tem-se uma construção modernista contrastando com seu entorno | Vista do pátio do Instituto Mundo Árabe olhando pro entorno

blocos das superquadras. O acesso se dá pelo térreo, com um hall que divide a casa entre a parte íntima e área de visitação, onde se iniciou a visita. Ao subir a escada à esquerda, chega-se na área de exposições, uma sala com móveis originais de Le Corbusier e fotografias do artista. Uma rampa orgânica e imponente se destaca nesse ambiente, cuja cor marrom contrasta com as paredes brancas. Acima, uma janela alta em fita, encarregada de iluminar o ambiente de forma sutil.

As cores das paredes foram estudadas para que, nas faces que recebessem luz, as cores claras refletissem tal iluminação e, as faces que não recebessem luz, as cores como cinza e marrom ressaltassem a ideia de sombra. O jogo de claro e escuro foi utilizado em todos os cômodos da casa.

Ao subir a rampa há um mezanino, que servia como local de leitura de Raoul La Roche. Com prateleiras no lugar do guarda corpo, uma claraboia no teto gera assegura a iluminação, uma lareira minimalista e delicada gera uma sensação de aconchego. Na área privativa, a disposição da mesa da sala de jantar é original. Ao lado, uma pequena copa com um montacargas que levava os pratos da cozinha, no térreo, até o primeiro pavimento.

Subindo mais um lance de escadas chega-se ao quarto – o closet e o banheiro são os primeiros ambientes vistos. O banheiro chama atenção pela grande janela. O quarto, novamente remete aos blocos da asa sul; uma grande janela que corta

FOTO 16 – Maison Jeanneret



uma parede inteira na horizontal com vista para um pátio interno e para as casas vizinhas. A cama não estava ali, mas, de acordo com as informações oferecidas, esta ficava no meio e tinha ao lado uma pequena escrivaninha centrada abaixo de outra janela, dessa vez menor. A configuração modernista, com linhas retas e as grandes esquadrias, já confere ao ambiente uma agradabilidade estética suficiente, sem necessitar de adornos.

O próximo lance de escadas dava acesso à cobertura que, por estar em reforma para reproduzir o jardim original, não pôde ser visitada. Ainda assim, era possível sentir como seria agradável sentar naquele local, passar o tempo lendo ou receber amigos. De volta ao hall de entrada, por uma pequena e tímida entrada perto da porta principal, chega-se aos aposentos dos empregados e em seguida à cozinha. Nota-se outra façanha de Le Corbusier: uma abertura no teto que funcionava como exaustor para liberar a fumaça do fogão e garantir a iluminação do ambiente.

Geminada com a Maison La Roche, existe a Maison Jeanneret, cuja visita não é permitida. Ainda assim, o grupo foi autorizado a entrar em alguns cômodos e comparar as duas residências, observando suas semelhanças. A Villa Jeanneret foi construída por Le Corbusier a pedido de seu irmão Albert Jeanneret, e sua noiva, Lotti Raaf, entre 1923-1925. A casa faz parte de um projeto em conjunto com a Villa La Roche. A ideia era fazer uma Vila com várias residências de mesmas características construtivas, no entanto, somente



essas duas casas foram construídas. Hoje a Maison Jeannerte funciona como o escritório da Fundação Le Corbusier.

No sábado (24), parte do grupo voltou a Brasília para realizar outra etapa da exposição, as vídeo conferências entre Paris e Brasília. Terça-feira (27), os participantes em Paris da vídeo conferência foram Yara Regina Oliveira, Leo Orellana, Aline Zim (CAU/UCB, pesquisadora do projeto Olhares sobre Brasília) e Lorrany Moura (aluna CAU/UCB, pesquisadora do projeto Olhares sobre Brasília). Em Brasília estavam Carlos Madson (Superintendente do IPHAN DF), o professor Gunther (Representante do CAU-DF), Elza Kunzer (Representante do SINARQ-DF), Marcio Oliveira (diretor CAU-UCB pesquisador do projeto Olhares sobre Brasília) e Carolina Borges (CAU/UCB pesquisadora do projeto Olhares sobre Brasília). O assunto abordado foram os desafios em matéria de regulamentação, de política urbana e dos princípios que devem fundamentar a preservação, a valorização e a valorização do patrimônio cultural de Brasília.

Na Quarta feira (28) a vídeo conferência teve a participação da mesma equipe em Paris e, em Brasília contamos com a presença de: Marta Romero (professora da UnB e diretora do laboratório LASUS), Gustavo Luna Sales (laboratório Lasus), Ederson Teixeira (laboratório Lasus), José Marcelo Martins Medeiros (laboratório Lasus), Thiago Turchi (professor CAU/UCB), Milena Canabrava (professora CAU/UCB), Marcio Oliveira (diretor CAU-UCB pesquisador do projeto Olhares sobre Brasília) e

Carolina Borges (CAU/UCB, pesquisadora do projeto Olhares sobre Brasília). Através de visões cruzadas, foram discutidos os desafios ambientais, arquitetônicos e da paisagem de Brasília e seu entorno. O encerramento do evento ocorreu na sexta-feira (30).

DEPOIMENTO DOS ALUNOS

*“Participar de uma exposição na Maison de Amé-
rique Latine em Paris foi uma grande honra e
aprendizado para todos nós. É válido ressaltar que
o aprendizado e a carga intelectual que tive vão
além de questões acadêmicas, pois, além de tudo,
vivenciei um crescimento individual que irá suprir
toda a minha vida em questões pessoais, acadêmi-
cas e profissionais.*

*O trabalho teve a ajuda de todos os participantes
do grupo, e a escolha e realização da exposição
foi disposta com o consentimento de todos. O que
mais me surpreendeu foi a valorização de muitos
com o nosso trabalho, e o apoio com a crença de
que o projeto tem muito para evoluir e o alto po-
der de disseminar respeito e admiração de pessoas
a partir de uma leitura poética da cidade de Bra-
sília.*

*Eu já sabia do poder que o projeto Olhares tem de
trabalhar a sensibilização do olhar sobre Brasília.
Depois da exposição em Paris, sinto que o projeto
evoluiu muito e a expectativa de começar a aplicar
isso em Brasília está por vir.”*

Lorrany Moura.

*“A exposição em Paris foi um ponto muito impor-
tante para o Projeto Olhares, pois tivemos a opor-
tunidade de criar laços com escolas de arquitetura
da cidade. Além disso, apresentar nosso trabalho
em um lugar importante como a Maison de L’Amé-
rique Latine nos deu a chance de desmitificar Bra-
sília para muitas pessoas que não a conheciam.*

*No entanto, para mim, foi um momento de cres-
cimento pessoal e profissional; o local demandava
uma postura mais comprometida, o que exigia de
mim mais atenção. Organizar, montar e cuidar de
uma exposição não são coisas fáceis, mas todo o
esforço era recompensado pela satisfação de nos-
sos visitantes. Cada elogio recebido era suficiente
para que todo o cansaço de um dia corrido pas-
sasse.*

*Por fim, o mais importante que trago dessa ex-
periência é a certeza de que conseguimos passar
para os visitantes o amor que nós temos por nossa
cidade; apresentar não só suas qualidades, mas
também seus defeitos, e ainda assim evidenciar o
quão bela é.”*

Lucas Miranda.

*“A experiência de ter um trabalho universitário
apresentado em outro país é gratificante. Ir a Paris
expor o resultado de nossas pesquisas foi funda-
mental para compreender a importância de traba-
lhos acadêmicos. No projeto Olhares Sobre Brasí-
lia, aprendi sobre o patrimônio cultural da minha
cidade, hoje sei que todas as regiões devem ter
sua história preservada.*

*Paris foi o marco, pois é uma cidade onde obser-
vamos justamente a preocupação com as obras,
edificações e a preservação geral de um lugar que,
conta sozinho a história de seu urbanismo e a evo-
lução da cidade.*

*Tive contato com pessoas de outras culturas, não
só franceses, como também espanhóis; com pon-
tos de vistas diferentes sobre patrimônio, mas to-
dos em busca de um mesmo objetivo: viver a cida-
de e aproveitar o que ela lhe diz, em suas igrejas,
avenidas e tantos outros detalhes.*

*Nos passeios realizados, pude perceber que pode-
mos integrar construções antigas com a moder-
nidade vigente. Cabe agora, à nós estudantes de
arquitetura, aprimorar esse senso de preservação
e continuar a desenvolver nossas cidades baseadas
em exemplos como Paris.”*

Maria Luiza Ribeiro.

“Mostrar para as pessoas como Brasília pode ser vista através de vários olhares foi um desafio. Brasília é muito mais que concreto, é essência, tem vida, forma, cor. E expor tudo isso no *Maison de Amérique Latine* em Paris foi muito realizador, uma experiência que vou levar pra vida.”

Carla Sena